

O VODU NO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA HAÍTIANA

Autor: Jamily Marciano Fonseca

Instituição de origem:

RESUMO

O Haiti é conhecido como o primeiro país das Américas a por fim à escravidão e a tornar-se independente por meio de uma luta em que houve a participação da maioria da população, composta por negros escravos que culminou na constituição de uma república negra. Esse processo é caracterizado pela forte religiosidade do povo haitiano, com suas práticas vodúístas, que foi uma das grandes marcas da resistência negra. Em 2004, o Haiti comemorou o bicentenário de sua libertação e durante esses dois séculos (XIX e XX) o vodú foi perseguido e desqualificado do mesmo modo em que ocorria anteriormente à independência. Esse artigo objetiva abordar de forma panorâmica como o vodú e suas crenças são compreendidos durante esses 200 anos de “libertação”.

Palavras-chave: Vodú; Perseguição; Resistência; Bicentenário da independência haitiana.

INTRODUÇÃO

Desde o começo da ocupação do seu território, o Haiti sofre com a exploração de sua terra e com a violência moral e física para com aqueles que aí residiam[em]. Inicialmente os espanhóis e posteriormente os franceses, a fim de abastecer o mercado europeu, utilizaram os recursos naturais dessa terra e reduziram a população nativa de aproximadamente um milhão para cerca de sessenta mil habitantes¹. Diante desse genocídio, o tráfico negreiro se funcionou também como estratégia de repovoamento daquela terra que se tornou a mais rica ilha das Antilhas, produtora de tabaco, açúcar e café dentre outros gêneros.

Por volta do século XVII, juntamente com o negro trazido como escravo para trabalhar nas plantações na ilha de Santo Domingo, chega ao território o vodú, religião de matriz tradicional africana que era a forma do escravo “transmitir seus próprios mitos e de fixar seus próprios modelos de conduta”². A Igreja Católica, com a força da sua missão evangelizadora, estava atenta aos “fiéis em potencial”; mas tinha apenas o intuito de mostrar aos negros escravizados que a salvação estava “na aceitação de suas condições de existência desejadas por Deus”³.

No entanto, a Igreja e os colonizadores passaram a combater o vodú ao perceber que este continha elementos que provocariam a insubmissão dos escravos e, baseados na crença da inferioridade racial e cultural dos negros, buscaram desconstruir a sua identidade, incentivando com diversas práticas de violência (física e simbólica) a assimilação de valores europeus. Dessa forma, o homem branco construiu a base que legitima a prática da discriminação em relação à religião voduísta que

nossa sociedade, visto que ainda é entendida a partir de estereótipos preconceituosos que a demonizam.

No texto que se segue abordamos, em três partes, questões referentes à importância que o vodun teve na Revolução Negra que culminou na independência da ilha; em seguida, apresenta-se de maneira geral a forma como ocorreu a relação entre o Haiti e alguns países estrangeiros (França e EUA, principalmente); e por fim, se expõe, sucintamente, como a religião vodunista perpassou por alguns governos haitianos (de L'Ouverture, Dessalines, Soulouque, Papa Doc, Baby Doc e Jean Aristide) durante os séculos XIX e XX.

O LUGAR DO VODUN NA REVOLUÇÃO NEGRA

No momento em que os africanos chegaram ao território de Santo Domingo como escravos, trouxeram consigo o vodun e o mesclaram às tradições indígenas ali encontradas. Essa prática religiosa foi desde o início uma forma de refúgio e resistência à opressão que a escravidão lhes impunha, bem como um dos principais elementos a contribuir na congregação dos cativos em prol da liberdade.

No final do século XVIII, iniciou-se na França a Revolução de 1789, a qual influenciou diversos movimentos políticos tanto na Europa como na América. Dentre esses movimentos destacam-se os que ocorreram na ilha de Santo Domingo no mesmo período, uma vez que, por ser colônia francesa, as notícias sobre o que ocorria em sua metrópole chegavam mais rápido que nas demais regiões do continente americano.

Em 1794, apesar de continuar sob o jugo francês, a ilha conquistou a abolição da escravatura por meio de um levante denominado de Revolução Negra haitiana, sob o comando de Toussaint L'Ouverture, o qual se tornou o primeiro comandante negro das forças armadas. Em 1801, L'Ouverture, mesmo não proclamando a independência e com o enfraquecimento da supremacia francesa na região, decretou uma Constituição nova; e, em 1804, após a morte deste líder, ocorreu um novo conflito comandado pelo general Dessalines, que resultou na expulsão definitiva dos franceses e estabeleceu a independência. Dessa forma, Dessalines se tornou o primeiro chefe de Estado haitiano.

Os ideais jacobinos da Revolução Francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) foram defendidos com tanta garra pelos negros escravizados da ilha que, posteriormente, eles seriam conhecidos como os jacobinos negros ou de ébano, em referência ao grupo político que durante certo tempo conduziu o processo que resultou no fim do Antigo Regime na França. E por meio dessa primeira e única revolução negra e anticolonial surgiu o Haiti.

Acredita-se que o vodun teve um papel muito relevante na união dos negros escravizados durante esses movimentos pela independência. Segundo Santos, foi numa cerimônia vodunística que se firmou “um pacto de sangue onde todos se comprometem[eram] com a luta pela libertação do país, com a exterminação dos brancos e a criação de uma sociedade autônoma”.

Essa cerimônia chamada *Bwa Kayiman* ou *Bois Caiman* confirmou a hipótese de que a cultura africana, no caso a religião (vodun), foi o elemento que congregou os haitianos, principalmente os das áreas rurais, e os fizeram se identificar com uma mesma base ancestral, apesar da existência das diversas etnias que povoavam o Haiti naquele momento. Nesse sentido, a religião foi o elemento que

estreitou os laços entre os negros orgulhosos de sua cultura e identidade.

Em virtude do vodu ter sido um fator que contribuiu para a união dos negros na luta pela independência, a elite afrancesada que apoiava, obviamente, as forças repressoras, o combateu por meio de sua desqualificação, bem como com medidas que proibiam o seu culto religioso. No entanto, apesar dessa postura de condenação às práticas vodu, há indícios de que uma parte dos membros dessa mesma elite frequentavam as cerimônias religiosas e faziam oferendas às entidades espirituais voduístas. Tal prática explicita que as trocas culturais são uma via de mão dupla, ou seja, os brancos, apesar de dominadores, também incorporaram elementos do universo simbólico dos dominados.

É importante ressaltar que essa elite não aderiu ao processo que culminou na independência da região por este ter sido conduzido por negros, os quais eram tomados por “bárbaros” pelas sociedades européias, consideradas modelos de civilização à época.

Não obstante as tentativas de contê-la, a revolução foi vitoriosa e o seu significado para os negros escravizados, não só no Haiti mas também naqueles países latino-americanos onde a escravidão ainda subsistia, pôs em xeque a crença de que os negros eram incapazes de se organizar por si só.

O HAITI SOBA “VIGILÂNCIA” DE PAÍSES ESTRANGEIROS

Após a independência, a elite mulata da recente sociedade haitiana, no intuito de buscar o seu reconhecimento, continuou a negar as práticas voduístas, uma vez que “esta elite buscava afirmar-se no ideal da civilização pelo padrão francês, [e] preferiam isso a se juntar aos negros, com suas raízes africanas, sinônimo de atraso e barbarismo”.

Nesse período, o Haiti fechou-se para as políticas internacionais com o intuito de mostrar autonomia, dando preferência à economia baseada na agricultura de subsistência, mas, dessa forma, acabou prejudicando o desenvolvimento do país. Por isso, a elite descendente dos colonizadores se reaproximou da França, pagando a indenização exigida para o reconhecimento de sua independência. Tal pagamento só foi possível devido a um empréstimo concedido por bancos franceses aos haitianos, fato que reafirmou a hegemonia da antiga metrópole no país ainda no decorrer do século XIX. Como consequência desse imbricamento, ocorreu a intensificação do empobrecimento do Haiti, pois ao invés de investir no seu desenvolvimento, o país teve de assegurar o pagamento da dívida.

No entanto, essa preponderância francesa estava ameaçada, uma vez que outros países, como a Alemanha, a Inglaterra e os EUA, também demonstravam certo interesse pelo controle do comércio externo haitiano.

No último quartel do século XIX, os Estados Unidos, com a política da *América para os americanos* (Doutrina Monroe), começou a manter relações comerciais com os haitianos e aos poucos foi se imiscuindo e controlando o aparelho estatal, até que em 1915 conseguiu ocupar militarmente o país

sob o pretexto de que seu governo não havia pago uma dívida contraída junto ao City Bank. E, ainda, sob o argumento que as corporações estadunidenses, lá instaladas, estavam sob risco,

mpondo-se a pacificação das cidades em permanente convulsão. Por fim, e, sobretudo, para revogar o artigo da Constituição que proibia a venda de cana-de-açúcar aos estrangeiros.

Durante o predomínio dessas potências no Haiti, segundo Rodrigues, o vodu permeou o imaginário daqueles que aí passavam como turistas e militares, os quais desembarcavam no país a procura de cerimônias cruéis e orgíacas, uma vez que era essa a visão transmitida e disseminada para o mundo através de produtos consumidos mundo a fora, a exemplo dos filmes hollywoodianos.

Ainda nesse momento de dominação exercida pelos EUA, as seitas protestantes passaram a adentrar no país e desde o início foram categóricas ao repudiar a religião voduísta. Dessa forma, o governo estadunidense aproveitou o protestantismo para se implantar e controlar melhor as massas.

Na primeira metade do século XX, houve um movimento de resistência literária que abordava temas voduístas, por exemplo, a *Revue Indigène* (1927) e a revista *Les Griots* (1938), que criticavam a atitude da Igreja católica ao denegrir o vodu, bem como a exploração das riquezas haitianas pelos países imperialistas.

Pode-se citar J. Roumain e J. S. Alexis, escritores haitianos que, por compreenderem o vodu como expressão da miséria dos camponeses, denunciaram a campanha anti-supersticiosa promovida pelo Estado e pela Igreja católica. J. Price-Mars também escreveu em defesa da negritude e da africanidade como características que dignificavam os haitianos e criticou o abandono das tradições por parte da elite mulata, a qual é considerada, em suas obras, como a traidora “dos valores essenciais da nação: a liberdade e a negritude”; valorizando, assim, a *noblesse* (pureza) haitiana.

E O VODU PERPASSOU POR VÁRIOS GOVERNOS HAITIANOS

Segundo Rodrigues, os chefes de Estado haitianos demonstraram ojeriza às superstições africanas desde Toussaint L’Ouverture e Dessalines, a fim de que o país fosse considerado à altura das nações civilizadas, cristãs e, sobretudo, católicas.

Somente o presidente Soulouque, em 1847 permitiu as práticas voduístas “com vistas a dar um endurecimento ao próprio regime”. Em 1860, o Estado haitiano e o Vaticano assinaram um acordo de combate ao vodu com o objetivo de cristianizar os habitantes do país por meio do entendimento de que a africanidade era supersticiosa. E por volta de 1940-42, o clero católico lançou a chamada campanha anti-supersticiosa contra o vodu.

Não se sabe ao certo que papel o vodu ocupou na política haitiana durante os anos de 1940 e 1950, mas segundo Rodrigues, havia casos em que sacerdotes e sacerdotisas aceitavam ser informantes da polícia em troca da impunidade à celebração do culto voduísta e candidatos a cargos políticos faziam doações aos santuários ou organizavam as cerimônias do tipo.

Na História do Haiti, o período que vai de 1957 a 1986 é conhecido como duvalierismo devido às ditaduras de Papa Doc (1957) e Baby Doc (1971). François Duvalier e Jean-Claude Duvalier, pai e filho respectivamente, foram responsáveis por comandar vários massacres, estupros, contrabando de drogas e pela disseminação do terror no país. Contraditoriamente, durante os governos dos Duvalier,

pode-se dizer que mesmo com a vigilância para que as cerimônias fossem impedidas, o vodu foi tolerado e continuou sendo o lugar de refúgio da maioria da população composta por camponeses que resistiam e batiam seus tambores “secretamente”. Talvez essas sanções na lei e essa liberdade na vida, no que se refere às práticas voduísticas, fossem na verdade uma ação destinada a minimizar as dores dos transtornos causados pelas ditaduras de Papa e Baby Doc.

Com o fim da ditadura dos Docs, o vodu foi reconhecido na Constituição de 1987 como uma das religiões oficiais do Haiti, juntamente com o catolicismo e o protestantismo.

A partir de 1988, o país sofreu vários golpes de Estado liderados por doquistas e em 1990 o ex-padre Jean Bertrand Aristide assumiu o poder por meio de eleições diretas, reascendendo as esperanças do povo em mudar suas condições de vida. No entanto, em 1991 este presidente foi deposto e somente retornou ao governo em 1994 com a “ajuda” dos EUA, os quais privatizaram as estatais e eliminaram as tarifas de importação.

De 1987 aos dias atuais não houve grandes mudanças em relação à compreensão do vodu, visto que o mesmo ainda carrega ares negativados, marcados pela sua associação à magia negra, à feitiçaria e à animalidade, além de ser, em alguns discursos, culpabilizado pelas mazelas do Haiti.

No dizer de Rodrigues:

o problema do vodu como prática dominada nos leva a pensar no problema do poder. Poder não apenas das forças da ideologia dominante que o estrangula, mas também poder da pequena burguesia intelectual que se imagina apta a decidir pelo voduísta o que é bom para ele, o que ele deve conservar ou rejeitar do vodu.

Obviamente, mesmo diante dessas críticas e olhares estereotipados, os praticantes do vodu refletem sobre seu próprio culto; resistem e não se deixar levar pela afirmação daqueles que durante anos ditaram a definição de suas crenças. Na sociedade que atualmente deseja refazer-se, após o terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010, não há mais lugar para discursos como o do cônsul George Samuel Antoine que atribuiu o terremoto à macumba e completou dizendo “que de tanto mexer com macumba, não sei o que é aquilo... O africano tem em si maldição. Todo lugar que tem africano lá tá”.

Estes são dizeres ultrapassados e repetitivos. No entanto, em alguma medida, a sua persistência é denúncia de que ainda existem os que lhe atribuem certa validade. Cada vez mais, por outro lado, se arregimenta o novo modo de significação do ser haitiano que aponta para a compreensão de que o vodu faz parte de sua identidade e cultura e que não há motivos para repulsar essa singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do vodu no Haiti é marcada por contradições, pois apesar do combate e da tentativa de negação, tanto a elite como os proletários e trabalhadores rurais faziam (e/ou fazem) suas oferendas aos loás (entidades espirituais) e aos deuses. Mesmo sob a vigilância do Estado e da Igreja Católica, as práticas dessa religião de matriz africana resistiram e se misturaram ao catolicismo, o que gerou um

sincretismo religioso no vodu haitiano. O discurso que considera essa religião como a causa dos males da nação por ser um “culto ao demônio”, mascara as consequências da colonização para sociedade haitiana durante todos esses anos. A miséria, a fome, o analfabetismo, a violência, o subdesenvolvimento, dentre outros problemas que o povo enfrenta não podem ser creditados à sua crença religiosa, pois deve se considerar os resultados de centenas de anos de exploração por parte da elite e dos países estrangeiros, que disseminaram a demonização do culto voduísta e de seus praticantes em prol de seus interesses. E ainda hoje essa religião é revestida de um caráter supersticioso e utilizada em alguns casos como justificativa para as condições sociais, políticas e econômicas em que o Haiti se encontra. Entretanto, apesar de toda a perseguição travada contra o vodu, este resistiu e resiste como a religião da maior parte da população haitiana, o que demonstra que a dominação nunca se dá plenamente; sempre existem brechas por onde escapam e se revigoram as esperanças dos dominados.

NOTAS

¹Cf. SANTOS, Jaqueline Lima. *O vodu e a resistência negra no Haiti*. Disponível em: <http://www.irohin.org.br/onl/new.php?sec=news&id=5087>. Acesso em 29.03.2010 às 15:36.

²RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Rio de Janeiro-RJ. Tese de Doutorado em Letras Neolatinas. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. p.140-185

³Idem, p. 141.

Ver: JAMES, C.L.R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de Santo Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

Cartilha: *Haiti*, seu povo, sua história, sua luta. São Paulo: [19--?], 2009. Disponível em: .

SANTOS, Op. Cit., p. 3.

SOARES, Ana Lorym e SILVA, Elton Batista da. A revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804). IN: *Ameríndia*. Ano 1, Vol 1/2006. Disponível em: <http://www.amerindia.ufc.br>.

Idem, p. 4.

VIEIRA, Jofre Teófilo e ASSUNÇÃO, Victor Fialho de. A crise no Haiti pós-independência, de 1804-1915. IN: *Ameríndia*. Vol 2/2006. Disponível em: <http://www.amerindia.ufc.br>.

Ver: MANIGAT, Leslie. Haiti: da hegemonia francesa ao imperialismo americano. IN: FERRO, Marc (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Trad. Joana Angélica D'ávila Melo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BONVICINO, Regis. *Haiti: uma história de paradoxos e excessos*. Disponível em: . Acesso em 10.05.2010 às 16:23.

RODRIGUES, Op. Cit., p.165.

Idem, p. 162.

Idem, p. 154.

ROSA, Renata de Melo. A noblesse haitiana nos 200 anos de império negro. IN: CABRERA, Olga e ALMEIDA, Jaime de (Orgs.). *Caribe: sintonias e dissonâncias*. Goiânia: Centro de Estudos do Caribe no Brasil, 2004.

RODRIGUES, Op. Cit., p.159.

Idem, p. 181.

Ver: às 15:51.